



CULTURA UNIVERSITÁRIA E EXPERIÊNCIA DE JUVENTUDE DE ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA FCT/UNESP - PRESIDENTE PRUDENTE¹

João Pedro Turino Silva²

Universidade Estadual Paulista –

Júlio de Mesquita Filho - Faculdade de Ciências e Tecnologia - FCT/UNESP

Resumo

Como citar:

SILVA, J. P. T. Cultura universitária e experiência de juventude de estudantes de geografia da FCT/UNESP - Presidente Prudente. **Revista Geografia em Atos (Online)**, v. 6, n. 2, Ano 2022. p. 129-151. DOI: <https://doi.org/10.35416/geoatos.2022.9079>

Recebido em: 2021-12-15

Devolvido para correções: 2022-03-04

Aceito em: 2022-05-20

Publicado em: 2022-09-22

Este artigo tem como foco de análise a cultura universitária construída no curso de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCT/UNESP), Presidente Prudente, mais particularmente a partir da experiência de jovens estudantes do segundo e terceiro anos do curso, compreendendo quem são esses estudantes, refletindo acerca de trajetórias, origem, cotidiano, projetos, tempo livre e lazer. Este texto é produto de uma pesquisa de iniciação científica que ao relacionar os conceitos de território e lugar, culturas juvenis e experiências de juventude procura se aproximar da identidade/vivência desses estudantes do curso de Geografia do 2º e 3º ano, que tiveram uma experiência concreta recente, devido a pandemia do Covid-19. Articulam-se estratégias quantitativas e qualitativas de produção de informação, tais como a aplicação de questionários, dados da Seção de Graduação da Universidade, realização de entrevistas e grupos focais. Os resultados apontam para um perfil de estudante e uma cultura singular, mas, diversificadas experiências de juventude com fortes traços universitários mesmo em aspectos extraclasse, no cotidiano e tempo livre desses sujeitos.

Palavras-chave: Cultura Juvenil Universitária; Estudantes de Geografia; Juventudes; UNESP- Presidente Prudente

¹Este artigo foi originalmente publicado nos Anais da XXI Semana de Geografia da FCT/UNESP: Outras Geografias e (a)diversidades: experiências e potencialidades ocorridas em 2021, sendo inserido aqui nesta edição especial revisado com avanços nos debates e discussões.

² Bolsista da CAPES, possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho - Faculdade de Ciências e Tecnologia - FCT/UNESP, é integrante do Grupo de Pesquisa em Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GASPERR) e do Laboratório de Estudos Urbanos e do Território (LETUR). Mestrando do Programa de Pós Graduação Mestrado e Doutorado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus de Três Lagoas, com pesquisa acerca da Geografia das Juventudes/Geografia Urbana, amparada pela CAPES, com um projeto intitulado: Direito à (Univer)Cidade? Experiências de Juventude(s) dos estudantes de Geografia da FCT/UNESP e CPTL-UFMS. E-mail: jp_turino@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3230-744>



CULTURA UNIVERSITARIA Y EXPERIENCIA JUVENIL DE LOS ESTUDIANTES DE GEOGRAFÍA DE LA FCT/UNESP-PRESIDENTE PRUDENTE

Resumen

Este artículo se centra en el análisis de la cultura universitaria construida en el curso de Geografía de la Facultad de Ciencias y Tecnología de la Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCT/UNESP), Presidente Prudente, más particularmente a partir de la experiencia de jóvenes estudiantes de segundo y tercer año de la carrera, comprendiendo quiénes son estos estudiantes, reflexionando sobre sus trayectorias, origen, vida cotidiana, proyectos, tiempo libre y ocio. Este texto es producto de una investigación de iniciación científica que, al relacionar los conceptos de territorio y lugar, culturas juveniles y experiencias juveniles, busca acercarse a la identidad/experiencia de estos estudiantes de 2° y 3° año de Geografía, quienes tuvieron una experiencia concreta reciente, debido a la pandemia de Covid-19. Se articulan estrategias cuantitativas y cualitativas para la producción de información, como la aplicación de cuestionarios, datos de la Sección de Pregrado de la Universidad, entrevistas y grupos focales. Los resultados apuntan a un perfil de estudiante y una cultura única, pero diversificadas experiencias juveniles con fuertes rasgos universitarios incluso en aspectos extracurriculares, en la vida cotidiana y el tiempo libre de estos sujetos.

Palabras clave: Cultura Juvenil Universitaria; Estudiantes de geografía; jóvenes; UNESP

UNIVERSITY CULTURE AND YOUTH EXPERIENCE OF GEOGRAPHY STUDENTS FROM FCT/UNESP-PRESIDENTE PRUDENTE

Abstract

This article focuses on the analysis of the university culture built in the Geography course at the Faculty of Sciences and Technology of the Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCT/UNESP), Presidente Prudente, more particularly from the experience of young students in the second and third years of the course, understanding who these students are, reflecting on their trajectories, origin, daily life, projects, free time and leisure. This text is the product of a scientific initiation research that, by relating the concepts of territory and place, youth cultures and youth experiences, seeks to approach the identity/experience of these 2nd and 3rd year Geography students, who had a recent concrete experience, due to the Covid-19 pandemic. Quantitative and qualitative strategies for the production of information are articulated, such as the application of questionnaires, data from the University's Undergraduate Section, interviews and focus groups. The results point to a student profile and a unique culture, but diversified youth experiences with strong university traits even in extracurricular aspects, in the daily life and free time of these subjects.

Keywords: University Youth Culture; Geography students; Youths; UNESP- Presidente Prudente

Introdução

Esse texto é resultado de pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (iniciação científica), cujo resultado também foi apresentado em forma de Monografia para a conclusão do curso de bacharel em Geografia. Inicialmente o objeto de pesquisa era o processo de adaptação dos estudantes do 1º e 2º ano do curso de Geografia. A pandemia exigiu que o foco fosse para o 2º e 3º ano de curso, pois os calouros de 2020 não tiveram vivência universitária significativa. Frente a esses desafios, as turmas que tiveram sua experiência de juventude integrada à universidade e à sua cultura constituíram o objetivo do estudo. A singularidade da Geografia perante os outros cursos e sua pluralidade interna instigaram a buscar informações quantitativas e qualitativas das pessoas que compõem a graduação, em especial, o segundo e o terceiro ano, que se apresentam como anos de transição, além de ser perceptível os maiores números de evasão.

O registro de atividades e identidades criadas também motivaram a busca de conhecimento mais aprofundado, desconsiderando meras especulações, que explicavam os estereótipos, dilemas e tradições do curso – ainda que estas possam ser entendidas como imagens que circulam e fazem apelos aos estudantes ingressantes. Vale também pontuar que o curso de Geografia tem certa tradição na FCT/UNESP, no bairro que circunda a universidade e na própria cidade, já formando estudantes há mais de 60 anos. Com o recorte temático no campo da Geografia das Juventudes, escolheu-se trabalhar especificamente a questão da cultura universitária dos estudantes do segundo e terceiro ano de Geografia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP Campus de Presidente Prudente, um universo de pesquisa constituído por cerca de 110 pessoas, divididas em duas turmas, 69 pessoas no 2º ano e 41 pessoas no 3º ano.

Além disso, este mesmo universo é internamente diversificado, visto que os estudantes se diferenciam em inúmeros pontos, desde suas cidades de origem, passando pelos locais atuais de residência, formas de relacionamento com o curso e com a vida universitária em geral, aos estilos musicais e locais de convivência, bem como a questões ligadas ao gênero, renda e cor da pele.

Essa pesquisa teve como objetivos específicos os seguintes: (a) Conhecer o perfil dos/as estudantes do segundo e terceiro ano de Geografia, seus percursos até o curso da

FCT/UNESP, bem como suas experiências prévias de juventude; (b) Identificar os espaços e práticas de interação social, os percursos e rotinas dos estudantes, para conhecer suas formas de socialização e os tempos, espaços e práticas de sociabilidade informais, feitos de estudantes para estudantes; e (c) Conhecer os processos de socialização nos espaços mais institucionais extraclasse e como nestes contextos de interação participam da constituição da cultura universitária e da instituição da identidade dos estudantes ingressantes com o curso.

Neste artigo, elucidam-se alguns desses pontos, mas de forma mais central discorre-se um pouco sobre o perfil dos estudantes investigados, os sujeitos que compõem a graduação em Geografia, principalmente no 2º e 3º ano de curso. Para chegar a isso, realiza-se uma breve discussão, que contextualiza o curso de Geografia da FCT/UNESP (que se confunde em alguns momentos com a história do próprio campus) histórica e espacialmente; apresenta-se a metodologia e os instrumentos metodológicos utilizados para a geração de informação, discussão acerca de conceitos geográficos que colaboram para a compreensão da espacialidade/sociabilidade desses estudantes, busca-se nos estudos sobre juventude(s) alguns outros conceitos que são chave na compreensão dessa “identidade geográfica” dos graduandos em questão (culturas juvenis, juventudes); apresentam-se, em seguida, informações obtidas na pesquisa que nos revelam o perfil (ora qualitativo, ora quantitativo) dos estudantes pesquisados e, por fim, com algumas considerações.

Desenvolvimento e Contextualização

Antes do texto procurar responder quem são os estudantes de Geografia do 2º e 3º ano da FCT/UNESP, vale a pena resgatar o texto de Oliveira (2012), que expõe a trajetória do curso de Geografia no Brasil. Segundo a autora, em 1926 é criada a escola superior de Geografia. Nas décadas seguintes, um movimento chamado “escolanovismo”, liderado por Anísio Teixeira, impactou o pensamento geográfico, esse movimento buscava uma escola nova, que pudesse integrar/pensar um projeto de identidade nacional e a construção de uma nação em si, ainda pouco integrada, passava por um momento político que almejava um estado-nação forte. A escola da Universidade de São Paulo (USP) com forte influência francesa, vai trazer as ideias de Vidal de La Blache para a formação dos professores de Geografia ali graduados; e seguindo fiéis a Geografia francesa, a relação homem-natureza é

tomada com o objeto de investigação da Geografia brasileira, tendo como foco os estudos regionais.

A partir dos anos de 1950, as tecnologias de mapeamento e orientação espacial se mostraram importantes na política, na economia e no campo militar, impactando também o pensamento geográfico, que ficou mais técnico, internacionalmente. Ainda na década de 1950 se assiste a movimentações importantes pelo país, reivindicando o direito ao ensino superior, esse movimento vai perdurar mesmo na ditadura militar (SAVIANI, 2010) sendo protagonizado pela União Nacional dos Estudantes (UNE). A FCT/UNESP é criada no contexto de ditadura militar, em 1968, mas o curso de Geografia surgiu antes, como nos coloca Künzli (2019, p.3), sendo fruto da luta e persistência de militantes pela educação:

O Curso de Graduação em Geografia da FCT/UNESP nasceu após a criação dos Institutos Isolados de Ensino Superior, no ano de 1957. Enquanto algumas Faculdades tiveram seu início em 1957 ou 1958, em Presidente Prudente a Faculdade só começou a funcionar em maio de 1959, após um grande movimento político/popular que culminou com a chamada “Noite da Faculdade”, uma grande manifestação na praça 9 de Julho reunindo estudantes, políticos, inclusive o Deputado Estadual Márcio Porto, autor da lei de criação, bem como a população que clamava pela faculdade em Presidente Prudente. Assim, em abril de 1959 a sua instalação foi autorizada. O vestibular se deu nos últimos dias de abril deste ano e em 03 de maio foram proferidas as aulas inaugurais dos dois cursos então criados: Geografia, pelo Professor diretor Doutor Joaquim Alfredo da Fonseca e pela Pedagogia, o Professor Padre Valdemar Valle Martins. As primeiras aulas foram ministradas no então Colégio Técnico Joaquim Murtinho, hoje Objetivo. Logo a faculdade foi transferida para a Escola de Primeiro Grau “Professora Góes Brandão” criada, mas não instalada e já de início pequena para comportar uma Faculdade.

Ainda segundo Künzli (2019), a faculdade se mudou mais uma vez antes de se alocar onde está até hoje, em 1960 os cursos foram lecionados no Colégio “Tannel Abbud” onde havia mais espaço e mais salas, possibilitando a criação de um curso de História. Apenas em 1968 a faculdade foi instalada na área do atual campus, onde haveria espaço para que se ampliasse os edifícios e instalações. Vale lembrar que na década de 1960 nasceu a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), importante associação no posicionamento contra a ditadura civil militar (OLIVEIRA, 2012). Em 1988 o curso de Geografia tem a primeira turma de pós-graduação, e hoje se encontra com 22 docentes, oferecendo o maior quadro de grupos de pesquisa da FCT/UNESP.

Passando por tantos períodos diferentes, o curso de Geografia da FCT/UNESP vai carregar marcas, tradições e cicatrizes dos diferentes momentos. Uma delas é a questão da luta, a militância política, importante prática para o surgimento da universidade e do curso de Geografia em si. Nas entrevistas realizadas e nos grupos focais o tema da política e da preocupação dos estudantes de Geografia com a luta do movimento estudantil são parte da cultura universitária do curso, fazendo parte da experiência de juventude dos graduandos em Geografia da FCT/UNESP.

Outra marca que já podemos identificar desde seu surgimento é a estrutura do próprio campus. Buffa e Pinto (2016), vão colocar que durante a ditadura militar houve a construção de inúmeros campus universitários que seguiram o modelo de campus das universidades norte americanas, com grandes áreas verdes, distante da cidade e separando espacialmente as áreas do conhecimento (blocos e departamentos diferentes para cada curso); a distância da cidade e a presença das áreas verdes seria um apelo a (suposta) distância necessária do observador/pesquisador para com a cidade em si. Apesar de sua instalação inicial afastada da cidade, hoje a universidade integra a malha urbana de Presidente Prudente. Na Figura 1 nota-se as dimensões do campus da FCT/UNESP e sua localização, evidenciando a presença do campus já dentro da malha urbana.

Figura 1. Localização da Unesp – P. Prudente.

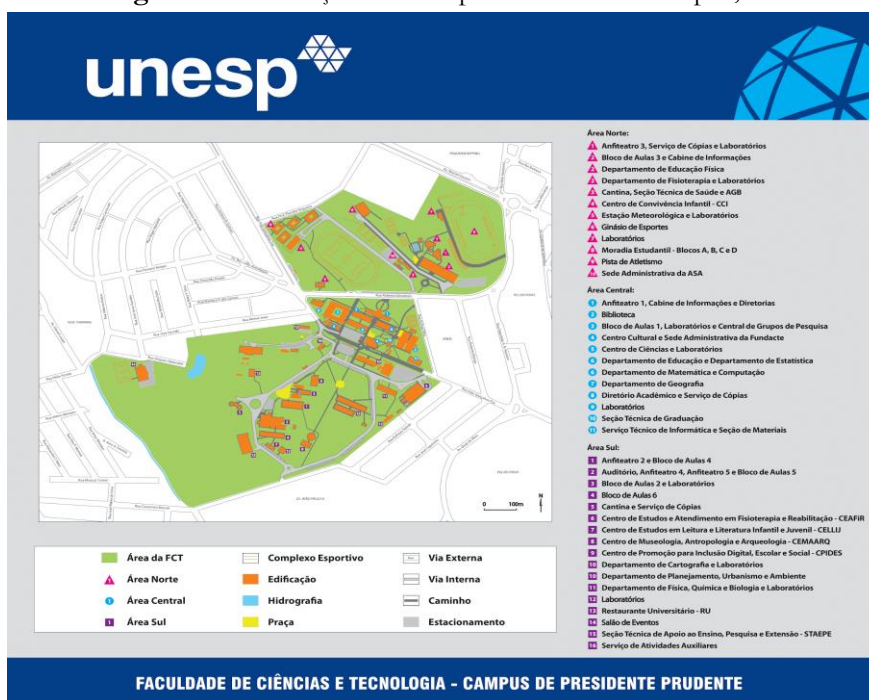


Fonte: Google Satélite (imagem de satélite-22°1' Sul,51°4' Oeste), 2021. **Elaboração:** o autor.

Os dois círculos vermelhos indicam as duas grandes partes do campus, que tem sua área Norte (círculo de cima, enquanto o segundo círculo, mais abaixo, representando a área Sul do campus. O bairro do Jardim Das Rosas (o qual o campus está inserido) e seus arredores resguardam um circuito de encontros e sociabilidade entre os estudantes pesquisados, que disseram passar seus respectivos tempos livre e momentos de lazer, ora dentro do campus, ora em repúblicas, bares e outros como veremos adiante.

Na Figura 2, vemos melhor a estrutura interna do campus que separado em 3 grandes áreas, nos mostra o bloco de salas de aula de Geografia situado na área Sul, contendo na sua entrada uma praça (em amarelo). Essa praça, conhecida como a “Praça da Geografia”, é um importante ponto de encontro e sociabilidade, durante os intervalos, ou antes e depois das aulas. Outros espaços que também foram bastante colocados e se revelaram importantes espaços de formação da cultura universitária foram o Restaurante Universitário (R.U), assim como a cantina, ambos também na área Sul e próximos ao bloco da Geografia. Na área central, há a biblioteca e uma praça à sua frente, ambos espaços pertinentes na sociabilidade dos estudantes do curso de Geografia.

Figura 2. Localização da Unesp-P. Prudente - Campus, 2020.



Fonte: Site Oficial da FCT/UNESP-Presidente Prudente, 2021.

Diante dessa breve contextualização do curso de Geografia no Brasil e da situação universitária no país, o recorte temático aqui contemplado não pode servir de base para analisar a cultura universitária da juventude brasileira como um todo, muito menos um perfil geral dos estudantes de ensino superior.

Lugar e Território

Ao longo da pesquisa houve a necessidade de encontrar conceitos geográficos que pudessem colaborar com o que foi identificado no espaço universitário, e percebeu-se um espaço não só palco das práticas espaciais dos estudantes de Geografia, mas também, um espaço parte da experiência de juventude e da cultura universitária identificada no curso de Geografia. Dessa forma, os conceitos geográficos que se somariam à nossa discussão seriam lugar e território, ambos exprimem, nas definições encontradas, ideias pertinentes para se pensar as culturas juvenis e a experiência de juventude nas cidades. E com a preocupação de “espacializar” a discussão, vale a pena apreender o objeto investigado, a partir da espacialidade (e sociabilidade) desses sujeitos.

Massey (1991) traz um conceito de lugar interessante, aquele onde há a interação, a troca, a reunião. Para a autora “trata-se na verdade, de um lugar de *encontro*” (1991, p. 184); um encontro de múltiplas trajetórias em processo, que se iniciaram em outros contextos e escalas, mas que vão se encontrar no aqui/agora do lugar. Ora, não se trata disso? Estudantes das mais variadas trajetórias e origens, se encontram em uma universidade, em um curso, em uma cultura.

Compreende-se a universidade como esse lugar, que está em processo de transformação, que se faz diferente a cada momento, é dinâmico, (des)construído pelos inúmeros encontros entre os estudantes que fazem do espaço universitário parte de quem são, que o tornam lugar. Esse encontro é na maioria das vezes um encontro de trajetórias muitíssimo diferentes, origens diversas que no espaço universitário trazem suas experiências, recordando Turra Neto (2015), tão plurais e aleatórias. Trajetórias de vida que se ligam às trajetórias institucionais e mesmo à trajetória da Geografia brasileira, feita em alguma medida na graduação e na pós-graduação da FCT/UNESP. Tudo isto se encontra no aqui/agora do lugar e o constitui na sua complexidade; a universidade em uma perspectiva de lugar proposto por Massey (1991), se mistura com o que não é institucional, com os seus arredores, com o

cotidiano da cidade como um todo, cujo movimento a (des)afeta e a constitui (essa perspectiva do espaço universitário, é chave para entendermos mais adiante a questão da cultura universitária identificada no curso de Geografia).

Todavia, a universidade também é território. Turra Neto (2000) em busca de elaborar um conceito que lhe permitisse abordar as culturas juvenis urbanas, afirma que os territórios são uma construção social sobre determinado espaço que envolve uma apropriação simbólica e concreta. Definição próxima a de Haesbaert (2004, p. 23) para quem o território também guarda essa dualidade.

[...] todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de funções quanto na produção de significados.

Logo, ainda nos baseando em Haesbaert (2004), entendemos o território funcional enquanto processo de dominação, quando há o princípio da exclusividade (unifuncional) e o território como recurso e valor de troca; o território se faz simbólico quando há o processo de apropriação, o princípio da múltipla territorialidade/identidade e a existência do território como símbolo (abrigo e lar).

A universidade é, sem dúvida, um território de exercício do poder institucional, das regras e normas que regem a vida universitária e estabelecem como tudo deve ser e funcionar. Mas é também um espaço apropriado pelos estudantes, no fluir da sua experiência enquanto jovens universitários, para muitos, o centro de sua vida social e da sua experiência juvenil. É assim, que neste encontro há sempre conflitos, entre uma concepção de espaço universitário e uma vivência de espaço universitário, uma perspectiva “adulta” e outra “juvenil” que negociam permanentemente, fazendo do campus um território contestado. Os jovens universitários ressignificam os espaços dos grupos de pesquisa, da biblioteca, das praças, ao espaço do diretório acadêmico.

Por outro lado, e pensando que a cultura universitária não se limita à universidade ou ao espaço físico do campus, mas extrapola para a cidade, o território enquanto símbolo (assim como a ideia de lugar acima tratada) traz contribuições ao nosso debate acerca dos jovens estudantes universitários, o pertencimento presente nos discursos de quem faz parte de uma república, os espaços de sociabilidade no bar, nos parques, e mesmo no shopping,

indicam que a territorialidade da cultura universitária é mais difusa, embora que quando levado em conta os ambientes mais frequentados pelos estudantes que têm sua origem fora de Presidente Prudente se revela circunscrita a certo quadrante da cidade, enquanto os que sempre moraram aqui apresentam outros circuitos. De todo modo, também aí ocorrem disputas e ressignificações de espaços.

Desta maneira, avança-se na compreensão do perfil dos sujeitos investigados que (re)territorializam o espaço institucional, os arredores do campus e outros espaços; enquanto os sujeitos se (re)encontram, dividem experiências e cruzam trajetórias. Nessas práticas, vão se revelando sujeitos que compartilham de espaços, caminhos, lazer e tempo livre; reforçando a ideia de cultura juvenil, como veremos mais adiante.

Metodologia

A pesquisa, como todas as outras, iniciou-se com um levantamento bibliográfico, levando em consideração as contribuições de Silva, Silva e Junckes (2009) que defendem que a priori precisa ser desenhado o problema de pesquisa em questão, problema esse que ao longo de várias reuniões entre eu e o orientador da pesquisa foram se formulando melhor, como mencionado na introdução, tínhamos a curiosidade acerca dos estudantes de Geografia dos anos de adaptação (1º e 2º ano), como se daria a adaptação, integração e imersão desses sujeitos na cultura universitária em questão, porém no ano de 2020, com a pandemia do COVID-19, a universidade se viu em uma situação singular, assim como, os estudantes, a experiência de universidade dos calouros daquele ano foi mínima, via ensino remoto, limitada às telas do computador e do celular nas aulas pelo *Google Meet*.

Priorizou-se o 2º e 3º ano, que ingressaram na universidade respectivamente nos anos de 2019 e 2018. A questão da adaptação, sociabilidade e integração fizeram parte do problema de pesquisa, mas enaltecendo as experiências de juventude e a cultura (juvenil) universitária. A partir disso, realizou-se levantamento bibliográfico preocupado com essas questões, e como orienta Silva, Silva e Junckes (2009) com vigilância e cautela, escolheu-se de forma conjunta com o orientador, os textos mais pertinentes à investigação, organizando-nos por tema.

Nos primeiros meses da pesquisa, buscou-se o levantamento de dados junto aos setores acadêmicos da FCT/UNESP, visando conhecer o perfil dos estudantes do 2º e 3º

ano do curso de Geografia, como forma de se ter um panorama, traços que conduzissem a pesquisa à uma primeira compreensão do tipo de público atendido pela pesquisa, solicitou-se os dados de: escola em que estudaram, cor de pele, cidades de origem, justificativas de desistência (para entender um pouco dos motivos da evasão do curso, o que é uma preocupação do Conselho de Geografia) e número de cotistas e não cotistas à seção de graduação da FCT/UNESP.

Depois do levantamento relatado, efetuou-se a organização de dados, gerando gráficos, tabelas e um mapa, ilustrando melhor o perfil dos estudantes. Doravante, realizou-se a aplicação de questionário aos estudantes dos anos investigados. O questionário foi enviado ao e-mail institucional da universidade, mas, também, em grupos de *WhatsApp*. Baseado em Chagas (2000), o questionário buscou ser claro, trazendo em seu enunciado a justificativa da pesquisa e suas intenções, além da preservação de identidade e outros elementos, o questionário foi aplicado mediante o uso da plataforma *Google Forms*, facilitando a organização dos dados (e cruzamento dos mesmos com os dados da seção de graduação), sendo gerados alguns gráficos e tabelas de forma automática. Tivemos ao todo 44 respostas, o que representa 40% dos estudantes que estão ainda matriculados nos anos considerados. Para o questionário, não apresentou-se distinção entre estudantes do 2º. ou 3º. ano, de modo que as informações serão sempre tratadas nos conjuntos.

Posteriormente realizou-se dois grupos focais, Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002) colocam que os grupos focais são grupos de discussão informal de tamanho reduzido, com o objetivo de obter informações qualitativas sobre o tema pesquisado. Seu objetivo é produzir uma fala em debate, nas contradições e concordâncias entre os envolvidos. O roteiro do grupo focal deve trazer um número bastante reduzido de perguntas que estimulem o debate, porque o objetivo não é que os membros do grupo respondam perguntas ao mediador, mas que debatam entre si a partir de questões que são gerais e comuns.

E assim foi feito, um roteiro que contemplasse poucas questões, mas provocativas e que instigasse o debate; esse instrumento metodológico exige um maior número de pessoas, sendo necessário promover o encontro de 5/6 pessoas no mesmo horário e em uma mesma sala do *Google Meeting* com disposição para debater e expor suas posições. Com o apoio de colegas do grupo de discussão de textos sobre juventude(s), intitulado Geojuves, os

estudantes foram convidados a participarem do grupo focal. Organizou-se um grupo por meio do aplicativo de mensagens *Whatsapp* e as datas e horários foram acordadas.

Devido a pandemia do Covid-19, adaptou-se o procedimento metodológico para a realização de forma virtual, usando da ferramenta *Google Meeting*, realizou-se os dois grupos focais, o primeiro com 6 pessoas, sendo 3 pessoas do 2º ano do curso, e 3 pessoas do 3º ano; enquanto que no segundo grupo focal houve a ausência de uma estudante, ocasionando em um grupo focal com 5 pessoas, 2 do 2º ano e 3 do 3º ano. Vale reforçar aqui a distinção entre a entrevista e o grupo focal, a entrevista apresenta questões singulares e personalizadas, enquanto o grupo focal amplia as ideias, contradições, (des)acordos e opiniões, de estudantes jovens que (com)partilham de muitas experiências e da própria vivência universitária.

Os participantes não possuíam vínculo ou proximidade com o pesquisador ou seus pares, pois primou-se pela diversidade presente nos vários grupos, sujeitos com diferentes sexualidades, trajetórias e etc. A transcrição desses grupos focais foi baseada em Gatti (2005), com a cautela necessária de se identificar temas bem debatidos, outros que quase não geram troca de ideias, enquanto o silêncio pode ser interpretado como uma resposta a determinadas questões.

Por fim, o último instrumento metodológico foram as entrevistas, realizadas segundo os pontos elucidados por Colognese e Mélo (1998), que reforçam a ideia de que o entrevistador não é neutro, e sua presença já afeta as respostas do sujeito, a necessidade de se construir perguntas amistosas, e ter uma postura o menos hostil/amedrontadora possível. As entrevistas eram semiestruturadas, com um roteiro que guiava (sem ser limitante e rígido) a “conversa desinteressada”.

As entrevistas foram também realizadas de forma *online*, pela plataforma do *Google Meeting*, o contato com os estudantes se fez por indicações, assim como o grupo focal, na própria entrevista, ora por disposição, ora a pedido meu, o(a)s entrevistado(a)s indicavam outro(a)s estudantes que estariam dispostos a participar de uma entrevista comigo; assim fiz a transcrição das 4 entrevistas realizadas, 2 estudantes do 2º ano e 2 estudantes do 3º ano.

A partir dessas metodologias, avançou-se na compreensão do objeto de pesquisa investigado, tendo um arcabouço teórico e informacional; a investigação conseguiu fazer conversar as informações e os dados, complementando um ao outro e encaminhando algumas pistas acerca do perfil dos estudantes do curso de Geografia, suas respectivas

experiências de juventude e sua relação tanto com o curso institucional, quanto com a cultura universitária identificada nesta pesquisa.

Cultura Juvenil Universitária

Sem esquecer do objetivo deste texto, urge compreender a cultura universitária em questão para apreender quem são os estudantes do 2º e 3º ano de Geografia da FCT/UNESP. Não em uma perspectiva apenas quantitativa, mas com informações acerca da vida, espacialidade, experiência de juventude, cotidiano e cultura desses graduandos. Assim, inspirado em Pais (1993), Feixa (1999), Dayrell (2001), Turra Neto (2012) e outros, uso das lentes dos estudos de juventudes, tanto no campo da Sociologia, quanto da Geografia (sempre com a preocupação de espacializar a discussão) para debater acerca de questões das juventudes vividas por esses estudantes e a cultura universitária do curso de Geografia. Antes de qualquer coisa, convém dizer que as culturas universitárias são a priori culturas juvenis.

A partir da ideia de Pais (1993), podemos entender a juventude como uma fase da vida que é construída socialmente, e na socialização de grupos juvenis, que compartilham de uma cultura, de práticas próprias, e o mais importante, “fazem nada juntos” (remetendo ao ócio desses jovens) se revelam as “culturas juvenis”, estas culturas se encontram em tempos e espaços distantes dos adultos, que representam alguma autoridade. O termo tem origem na sociologia das juventudes, mas é pertinente a nossa discussão, a escolha do termo “culturas” é explicado por Menegon (2016, p.46):

[...] a Sociologia da Juventude opta pelo termo Culturas Juvenis, pois, além da amplitude de significados que pode lhe ser atribuída, o termo no plural é ainda mais pertinente. Não há limites quando se estuda culturas, há um campo infinito prestes a ser desvelado, seja ele na área da Sociologia da Juventude ou em qualquer outra.

Aproximando-se de Pais (1993), o autor nos apresenta a possibilidade de amplitude que o termo “cultura” nos traz, e quando aplicamos na espacialidade investigada por nós geógrafos, a construção teórica fica ainda mais rica, percebemos sujeitos que interiorizam e exteriorizam relações e vivências entre os seus pares, compartilhando símbolos e valores.

Desenvolvendo a ideia de cultura juvenil enquanto um processo, Dayrell (2001) vai afirmar que esta seria construída por condições concretas da realidade de cada jovem, mas com um e maior enfoque para a sua origem social, essa origem há de limitar ou facilitar o

acesso a diferentes espaços e tempos, assim como se relacionam com os projetos, as esperanças e anseios desses jovens.

Ainda acerca das culturas juvenis, Feixa (1999, p. 84), um importante sociólogo das juventudes, afirma que:

Em um sentido amplo, as culturas juvenis se referem à maneira em que as experiências sociais dos jovens são expressas coletivamente mediante a construção e estilos de vida distintos, localizados fundamentalmente, no tempo livre, ou em espaços intersticiais da vida institucional (tradução própria).

A partir dessa exposição, a importância de se investigar os estudantes de Geografia, que dentro de uma cultura juvenil inserida em um contexto universitário, logo uma cultura universitária, se expressa não somente nas salas de aula, mas, nos tempos livre, de lazer os quais os estudantes do 2º e 3º anos revelam processos de socialização de jovens entre jovens.

Além disso, para Pais (1993) as culturas juvenis possuem uma dimensão espacial, cheias de significados, (re)apropriam-se de determinados espaços; dessa forma, reforça-se a pertinência dessas culturas à Geografia, como insiste Turra Neto (2012), a sociabilidade só existe no espaço (assim como as culturas juvenis). Assim, há uma verdadeira ressignificação dos espaços e esta prática se revelou nítida também na FCT, pelo identificado em minha pesquisa.

A partir desse entendimento da cultura juvenil, identificamos a cultura universitária como sendo uma cultura juvenil, como já comentado, em um espaço e tempo universitário. Ou seja, é possível identificar na universidade a constituição de uma experiência de juventude bastante particular, que a diferencia de outros contextos.

Baseado em Turra Neto (2015) compreende-se a juventude como experiência, e é sempre uma experiência que se relaciona com outros sujeitos e espacialidades; no caso estudado revelou-se uma experiência de juventude muito próxima às definições de cultura juvenil acima colocadas. O termo faz sempre referência a sociabilidade dos jovens em espaços onde os mesmos estão com certa distância de uma autoridade(adulta), no tempo livre e/ou lazer comum; Pais(1993) cria essa ideia para responder como se dá essa cultura, e ele deixa claro que é no ócio e lazer onde se produz esse tipo de cultura.

Contudo, ao longo da pesquisa identificou-se que a cultura universitária(uma cultura juvenil produzida no contexto universitário) dos estudantes de Geografia tem uma

particularidade, pois para além do tempo livre e lazer, havia não só o compartilhamento de experiências e vivências entre os estudantes, mas também das responsabilidades enquanto alunos, pesquisadores ou mesmo residentes de repúblicas e/ou na moradia estudantil, distantes dos pais, que antes assumiam as responsabilidades de uma casa, agora essas responsabilidades são assumidas pelos próprios estudantes do curso de Geografia.

Severo (2015), ao investigar estudantes do ensino médio, afirma que há uma tensão e dialética vivida pelo mesmo sujeitos, na sua dupla identidade de aluno e jovem. Enquanto aluno, o sujeito muitas vezes precisa deixar de ser o que é, para ficar quieto, obediente e em posição de submissão na sala de aula. Enquanto jovem, é no recreio que se pode ser menos robotizado e mais humano, pode conversar, mexer no celular e praticar outras atividades com seus pares, expressando uma interiorização/exteriorização de identidades, símbolos e valores. Nesse sentido, encontrou-se semelhanças entre o que se entende por cultura universitária e a cultura escolar identificada por Severo (2015), pois ambas trazem **esta** tensão vivida pelos sujeitos, a de estudantes e a de jovem.

Dessa forma, não só identifica-se uma cultura juvenil (leia-se universitária) no curso de Geografia, mas a cultura juvenil universitária (termo o pesquisador e o orientador acharam apropriado para se classificar a situação dos estudantes de Geografia), é uma cultura juvenil mas que abarca mais que apenas o lazer e tempo livre compartilhados, essa cultura juvenil universitária, como já dito, é uma cultura que traz em si as responsabilidades, os desafios e compromissos que se exige de um universitário, estudante.

Ao longo das entrevistas, questionários e grupos focais, percebeu-se que além de uma cultura do “fazer nada juntos”, os estudantes relatavam situações de “estudar juntos”, “participar de atos políticos juntos” e “fazer compras no mercado juntos”; ou seja, situações onde se envolvem práticas de responsabilidade, maturidade, obrigações com a faculdade entre outros. Não cabe aqui aprofundar essa ideia, mas vale ressaltar essa minha interpretação da cultura identificada, pois é a partir dela que podemos compreender um pouco sobre quem são esses estudantes de Geografia; a cultura em questão se revelou ser extremamente politizada, como vemos no excerto, de uma das entrevistas realizadas, a seguir:

“...a militância da Geografia é muito forte, não do curso, mas das pessoas que frequentam esse curso, mais voltado, tipo, pra uma consciência mesmo; acho que essa é a parte que mais me marca na diferença entre os outros cursos.” (Aluna do 2º ano, branca, entrevista).

Turra Neto (2015) deixou claro que as juventudes e as culturas juvenis são em si políticas, assim também são os estudantes de Geografia, que chegam a falar que se a Geografia não está presente nos movimentos, chega a ser um choque, como foi consenso no primeiro grupo focal.

“...a Geografia representando principalmente no movimento estudantil, atos de paralisação, tipo chega a ser um choque se a Geografia não estiver presente.” (Grupo Focal 1).

Já no segundo grupo focal realizado, houve apontamentos da questão política dos estudantes do curso de Geografia, mas o termo “cultura academicista” apareceu e gerou engajamento por parte da maioria dos integrantes da discussão, o termo fazia referência a certa “pressão” para se fazer pesquisa ou seguir carreira acadêmica no curso; isso se deu de forma crítica ao próprio curso em si. Como podemos verificar nesse trecho transcrito do 2º grupo focal:

“...se é muito academicista principalmente na questão de colocar mais mestrado e doutorado, aí a galera sai da licenciatura entra numa sala de aula achando que tá dando aula em universidades e tá fora da universidade, o que me chocou muito na Geografia foi essa questão de não enxergarem o que tem fora da Universidade. São poucas pessoas que se preocupam com o que tem fora da universidade e é só isso.” (Grupo Focal 2).

Apesar de algumas reclamações pontuais de estudantes para com os professores, principalmente durante o ensino remoto realizado durante a pandemia, a maioria dos estudantes exaltou a relação que tinham com os professores, sendo um fator que diferencia o curso de Geografia dos outros cursos, que segundo os mesmos, é mais rígida do que a que se vê no curso de Geografia; vários relatos de cumplicidade, abertura e boa recepção nos grupos de pesquisa e orientação foram elucidados. A relação entre os estudantes e professores parece ser bem amistosa no curso. Para Bueno (1993), a boa relação entre docentes e estudantes é fundamental na adaptação dos estudantes à vida universitária.

O primeiro grupo focal fez poucas críticas aos professores, apenas pontualmente, em assuntos como saúde mental e ensino remoto, enquanto que nas entrevistas tivemos diversas opiniões, elogios, críticas e mágoas. Em uma das entrevistas, a estudante iniciou a conversa criticando a metodologia de ensino de uma professora, ao passo que elogiou muito outra professora, como abaixo demonstrado.

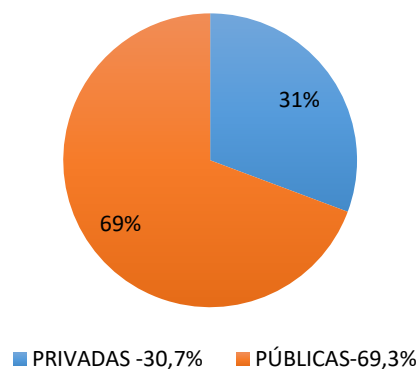
“...a N que maravilhosa como orientadora, ela dá todo o suporte necessário te ajuda de diversas maneiras, assim a N* é uma mãezona, também eu tive muita sorte de fazer projeto de pesquisa com ela e enfim, estou tentando aproveitar bem né, até esse EAD chegar e a pandemia destruir tudo...” (Aluna do 2º ano, branca, entrevista).*

Podemos perceber que apesar de tudo, a boa relação entre os estudantes e professores no curso de Geografia diferencia e constitui também sua cultura. Dessa forma começam a aparecer pistas de quem são esses estudantes; são sujeitos críticos ao próprio curso, mas que ressaltam a relação amistosa com os professores, são envolvidos com questões políticas, e que compartilham não só o ócio e o tempo livre com seus pares, mas obrigações e responsabilidades.

O perfil dos estudantes de Geografia da FCT/UNESP

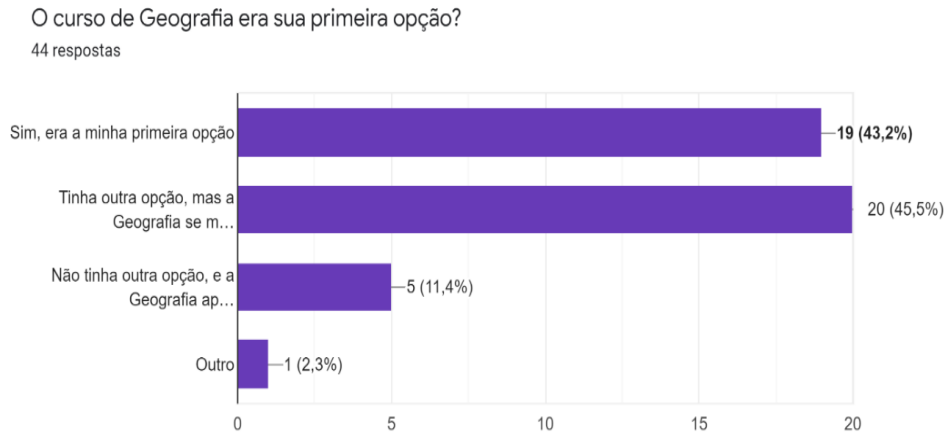
A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa, já podemos traçar o perfil mais comum dos estudantes de Geografia, identificados nesses dois anos. São em sua maioria pessoas brancas, oriundas de escolas públicas, que tinham em seus planos outras opções de curso, mas que, por inúmeras razões, encontraram no curso de Geografia uma das opções em potencial (mais viável), isso também se notou em todas as entrevistas realizadas, quando perguntado acerca da trajetória desses estudantes. Podemos confirmar essas informações nas Figuras 3 e 4, gerados através do questionário aplicado e com os dados da seção de graduação.

Figura 3. Origem escolar dos estudantes do 2º e 3º ano de Geografia da FCT/UNESP.



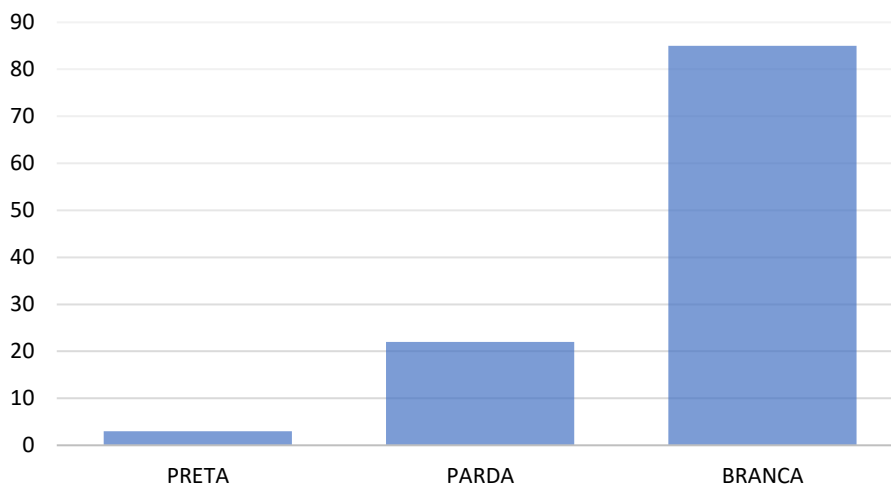
Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. ano do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

Figura 4. O curso de Geografia como primeira opção (ou não).



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

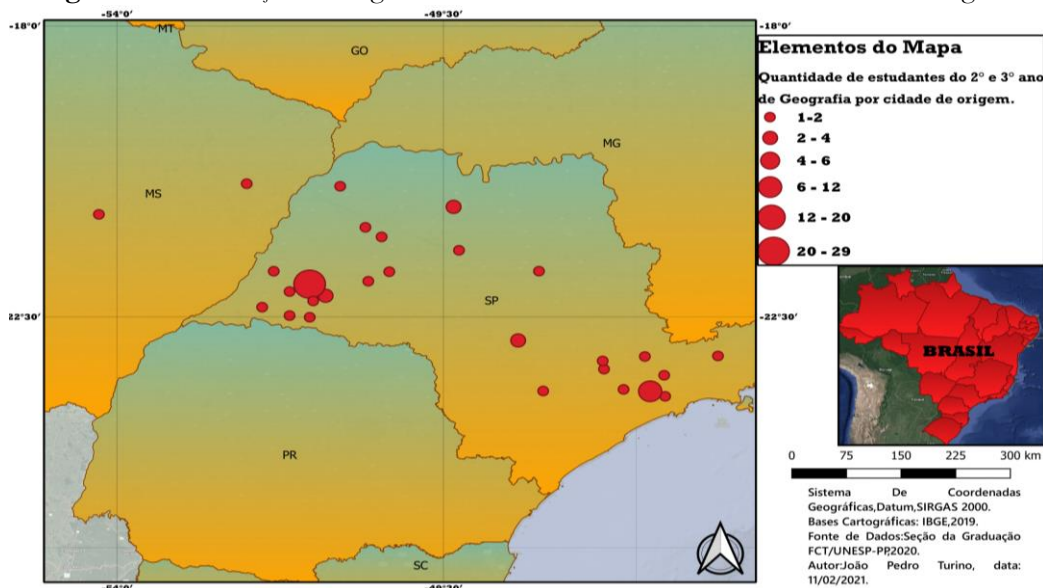
Figura 5. Autodeclaração de cor dos estudantes do 2º e 3º ano do curso de Geografia.



Fonte: Seção da Graduação, 2020.

A relação com o curso desses estudantes é em geral satisfatória, a maioria passa boa parte do seu dia na FCT/UNESP (para além das aulas), mora em Presidente Prudente, são em sua maioria (quase totalidade) paulistas, sobretudo, da Região Administrativa de Presidente Prudente, ou da Grande São Paulo, ou alguma outra cidade do interior paulista, como podemos ver na Figura 6.

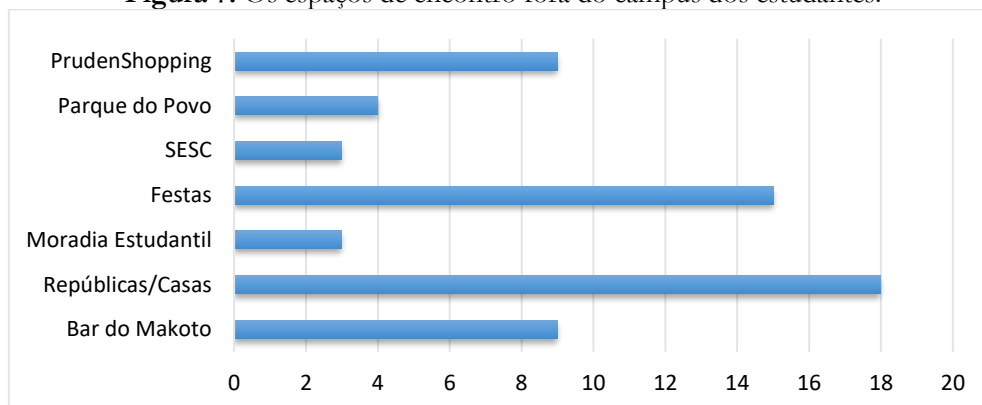
Figura 6. Distribuição da origem dos estudantes do 2º e 3º ano do curso de Geografia.



Fonte: Pesquisa de campo. **Elaboração:** autor (2020).

Pude também perceber certos espaços dentro e fora da universidade em que se promove a sociabilidade construtora da cultura desses sujeitos, o *Prudenshopping* (shopping center próximo a universidade), o bar, praças, as repúblicas, as festas e o Parque do Povo (um parque da cidade próximo a universidade), fazem também parte do circuito das interações entre os estudantes do curso, revelando que esse circuito se mantém próximo/dentro da universidade (com algumas exceções, sobretudo, para os estudantes naturais de Presidente Prudente), como se evidencia nas figuras 7 e 8.

Figura 7. Os espaços de encontro fora do campus dos estudantes.



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

Figura 8. Os espaços de encontro dentro do campus dos estudantes.



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

O questionário, a seção de graduação, as entrevistas e os grupos focais nos informaram outros aspectos, mas que em um artigo com poucas páginas não é possível de se apresentar de forma completa, mas as informações aqui já conseguem sustentar um perfil de estudante.

Considerações Finais

Como colocado por Almeida (2004), as juventudes continuam integrando e movimentando as estruturas “adultas” tão institucionalizadas e profissionais. A cultura se faz como resistência integradora e, diante da desesperança imposta pelo neoliberalismo, há a ressignificação do hoje, através das festas, “rolês” e encontros. Em um mundo de crescentes incertezas, a universidade não é mais garantia do amanhã, deve ser também “lugar do hoje”.

Podemos (in)concluir, que na nossa concepção, há uma cultura universitária no curso de Geografia. Mas, diante dos resultados obtidos ao longo da investigação, percebemos vários dos elementos que constituem uma cultura juvenil, presentes no curso de Geografia, como um circuito de “rolês”, incertezas e questões perante o futuro em comum, a resistência que a cultura e práticas dos estudantes apresenta frente à autoridade que se transmuta em autoritarismo e outros inúmeros elementos, como os eventos tradicionais, os locais de encontro e sociabilidade, as pautas de luta e interesses, e aquilo que mais fortalece a cultura

juvenil, segundo Pais (1993), o cotidiano e o tempo livre compartilhados entre os estudantes em sua grande maioria jovens.

É importante também pontuar, que a cultura universitária nesta pesquisa, mostrou ter características que incluem outros elementos, além do “fazer nada juntos” e do dia a dia (como já falado); esses estudantes compartilham pautas políticas, pesquisas, obrigações, tarefas e responsabilidades, assuntos esses, não tão tratados pelos autores que abordam o tema das culturas juvenis, que focam mais em questões como lazer e tempo livre; dessa forma essa cultura universitária em questão, através de nossa perspectiva é uma cultura juvenil, mas abrange outros fatores que são particulares a realidade de jovens universitários, e mais especificamente do curso de Geografia, trata-se então de uma cultura juvenil universitária.

Feixa (2003, p. 136) exclama que "entre os jovens e o ecossistema suburbano produz-se uma profunda simbiose." (2003, p.136). Notei também que entre a universidade e os jovens também há essa simbiose, a universidade e seu envolvimento se constituem também através das práticas espaciais e culturais desses estudantes. Assim, para compreender a instituição FCT/UNESP é necessário compreender os estudantes, agentes do espaço, que ressignificam espaços como proposto na definição de território aqui tratada, enquanto que trajetórias distintas se encontram e transformam o espaço em um *locus* do encontro, (re)produtor de espaços, temporalidades e culturas.

Assim, avançamos um pouco na apreensão de quem são estes estudantes, organizados em culturas juvenis universitárias, em maioria com preocupações políticas, envolvidos com a universidade em horários para além das aulas, são em maioria paulistas, brancos, formados em escolas públicas, vivem em Presidente Prudente, contém um círculo de amigos para além do curso de Geografia e um circuito de encontros próximo a FCT/UNESP, lidando com questões como sustento próprio, locomoção/horários, prazos, mercado de trabalho, evasão e outros.

Referências

ALMEIDA, L. L. de A. Juventude universitária e a nova sociabilidade: continuidade ou ruptura? **Anais... Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, VIII**, 2004, Coimbra, Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais, 2004.

- BUENO, J. L. O. A evasão de alunos. **Revista Paideia**, Ribeirão Preto, n. 5, p.9-p.16.1993.
- BUFFA, E.; PINTO, G. de A. O território da Universidade Brasileira: O modelo de campus. **Rev. Bras. Educ.** vol.21 no.67 Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782016216742> Acesso em: 18 de nov. de 2021.
- CHAGAS, A. T. R. O questionário na pesquisa científica. **Revista Administração online**. São Paulo, SP, v. 1, n. 1.2000. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255609/mod_resource/content/0/O_questionari_ona_pesqui_sacientifica.pdf. Acesso em 23/11/2021.
- COLOGNESE, S.; MELLO, J. L. B. A técnica da entrevista na pesquisa social. **Caderno de Sociologia**. Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.
- CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. **Anais... Encontro Da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**, XVIII, 2002, Ouro Preto. Ouro Preto: Associação brasileira de estudos populacionais, 2002. p.1-26.
- DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em belo horizonte**. 2001. 412 f. Tese [Doutorado] Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.
- FEIXA, C. A cidade secreta: os espaços quotidianos dos jovens. **Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 3, p.125-140, 2003.
- FEIXA, C. De culturas, subculturas y estilos. In: FEIXA, C.. **De jóvenes, bandas y tribus**. Barcelona: Ariel, 1999. p. 84-105.
- GATTI, B. A. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília-DF: Liber Livro Editora, 2005.
- HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, UFF-Niterói, Ano XIX, n. 17, p.19-46, 2004.
- KÜNZLI, R. A Geografia em Presidente Prudente-60 anos. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n. 41, p. 03-09, 2019.
- MASSEY, D. 1991. Global sense of place. **Marxim Today**, v. 6, p. 24-28, 1991.
- MENEGON, R. R. **Culturas juvenis e jovens do ensino superior: em busca de caminhos para formação inicial e a prática educativa na educação física**. 2016. 228f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia UNESP Campus Presidente Prudente, Presidente Prudente. 2016.

OLIVEIRA, M. F. Da R. Formação do Professor de Geografia: Ensino e Pesquisa. **Anais... Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**, VI, 2012, São Cristóvão: Universidade Federal do Sergipe, 2012. p.1- 14.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa- Portugal: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

SAVIANI, D. A expansão do Ensino Superior no Brasil. **Póiesis Pedagógica**. V.8, N.2, p.4- 17, v. 9, 2010.

SEVERO, R.C.B.S. Identidades Juvenis Contemporâneas e Espaços e Tempos Escolares: Algo Está Fora Da Ordem? **Revista Nonada**, Porto Alegre RS, n. 24, p. 27-39, 2015.

SILVA, J. M.; SILVA, E. A.; JUNCKES, I. J. **Construindo a Ciência**: elaboração crítica de projetos de pesquisa. Curitiba: Instituto Cultural de Jornalistas do Paraná, 2009.

TURRA NETO, N. Definir juventude como ato político: na confluência entre as orientações de tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, L. de S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L.M. (org.). **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015. p119-136.

TURRA NETO, N. Do Território aos Territórios. In: SOUZA, A. J. De.; SOUZA, E. B.C De; MAGNOMI JÚNIOR, L. (org.). **Paisagem, Território e Região: Em busca da Identidade**. Cascável: Editora Edunioeste, 2000. P.87-101.

TURRA NETO, N. **Múltiplas Trajetórias Juvenis Territórios e Rede de Sociabilidade**. Jundiaí-São Paulo: Paco Editora, 2012.